

A RIQUEZA DE UM SABER TEÓRICO-PRÁTICO: O ESTÁGIO CURRICULAR NA FORMAÇÃO DOCENTE EM PEDAGOGIA

Autor: SILVA, Sílvio César Lopes da; Co-autores: FEITOZA, Tarcísio Luan de Sousa; NUNES, Cássia de Sousa Silva; MIRANDA, Alessandra Magda de

(Secretaria Estadual da Educação da Paraíba-SEE/PB – sclop3@yahoo.es)

Resumo:

Ao longo de nossa formação na academia, fomos percebendo o quanto os estudos e teorias se correlacionam, buscando respostas para as questões da educação, desde às dificuldades de aprendizagem, às práticas e metodologias desenvolvidas na sala de aula. Somando-se a essas questões destaca-se o estágio curricular supervisionado, o qual visa embasar o formando quanto as questões práticas do fazer diário. Sendo assim, tendo por base tais pressupostos, o presente artigo tem o propósito de relatar e refletir sobre práticas e vivências no processo formativo do Estágio supervisionado na educação infantil do curso de pedagogia da Universidade Cruzeiro do Sul. Cabe destacar ainda, alguns entraves que não contribuem para que tais questões sejam mais dinâmicas e interativas, a exemplo os respectivos relatórios, planilhas e documentações, os quais burocratizam aquilo que por natureza é singular e dinâmico. Como superar tais obstáculos? Como tornar esse processo significativo na vida do formando, futuro professor? Essas e outras questões nos levam a entender e a concluir que, o diálogo permanente entre teoria e prática possibilitou-nos trilhar por caminhos educativos mais consistentes, sólidos e fundamentados, ampliando ainda mais nossa visão de mundo, educação, espaço educacional e sujeitos.

Palavras-chave: Estágio supervisionado. Formação. Reflexão. Cotidiano escolar

Introdução

Ao longo de nossa formação fomos percebendo a riqueza do fazer pedagógico. Desde as correntes teóricas, suas abordagens e ensinamentos. às didáticas e práticas que desencadeiam diretamente na ação do professor e na junção da teoria com a prática. É atentando a essa questão que pensamos em nosso artigo refletir sobre o estágio curricular na formação do professor da educação básica, mais especificamente no ensino infantil. Para tanto, tomaremos por base nossa experiência na condição de professor da educação básica e de aluno de licenciatura em Pedagogia.

Um dos grandes desafios da atualidade é perceber e atentar as questões da sala de aula e seu cotidiano, e sabemos que o estágio curricular possibilita-nos um olhar prático a essas questões, mesmo que seja parcial, tendo em vista o tempo de permanência na sala de aula e o contato com a dinâmica do dia a dia da escola. Quando afirmamos o termo parcial, não queremos dizer com isso, que tal processo formativo é menos importante em relação a outros vivenciados ao longo de nossa formação. Pelo contrário, este se torna parcial por sabermos e termos consciência de nossas limitações enquanto ser

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

humano em formação contínua, aprendendo a cada oportunidade. Temos a certeza que aprendendo a partir dessa dinâmica, uma vez que aos pouco nos tornamos parte dela. Já não somos mais os mesmo que adentramos pela primeira vez os muros da escola, os medos, a insegurança, as dúvidas, ambos foram sendo superados com um sorriso afetuoso, com um abraço acolhedor. Ensinaamos e aprendemos, mas temos a certeza de que nesse processo, descobrimos mais sobre nós mesmos.

O que seria ensinar a partir desse processo de descobertas? A resposta nos vem de Freire (1992), este afirma-nos que:

Ensinar implica, pois, que os educandos, em certo sentido, penetrando o discurso do professor, se aproprie da significação profunda do conteúdo senso ensinado. O ato de ensinar, vivido pelo professor ou professora, vai desdobrando-se, da parte dos educandos, no ato de estes conhecerem o ensinado. (FREIRE, 1992, p.42)

Ou seja, a cada contato com o espaço e penetrando neste cotidiano, fomos aprendendo e confirmando ainda mais nossa missão. Isso nos faz afirmar que a beleza das coisas está presente nelas e nos lugares, depende da forma como a encaramos e da maneira como lidamos com tudo isso. E só é possível tal experiência em nossas vidas, quando nos desarmamos e nos permitimos entender esse cotidiano simbólico da sala de aula que o Estágio curricular nos permite.

Cabe entender que,

A vida cotidiana é objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. É através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. É tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que ideais vivencia na sua prática e valoriza no seu discurso e que relações estabelece com os alunos e com a sociedade em que vive. (CUNHA, 1989, p.31)

Quando olhamos para os professores e os vemos a partir de uma acolhida a seu aluno, um sorriso, um abraço, um beijo, temos a certeza que mais que um simples ato mecânico dos corpos, ali está um sujeito, cheio de afeto, carinho e amor, para com seus alunos, além do zelo e dedicação nas atividades que desempenham. Entendemos com isso, a necessidade da manutenção dessa relação dialética, pois a partir dela os sujeitos se sentem atores do processo.

Sobre essa questão Freire (1979) afirma que:

Por isto é que esta educação, em que educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo, superando o intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador bancário, supera também a falsa consciência do mundo. (FREIRE, 1979, p.86)

Ter consciência do mundo e sentir-se agente do processo, é dialogar com o meio, e socializar-se com o outro, é viver o presente olhando para o futuro e vislumbrando dias melhores. É perceber que mundos se cruzam, se conectam para significar o que somos e o que sonhamos. E o estágio curricular proporciona tais vivências, já que permite um diálogo mais profícuo entre teoria e prática e nos torna sujeitos de um processo dinâmico e contagiante. É sob essa perspectiva que pensamos nosso artigo e as reflexões neste contidas.

Metodologia

Pensar numa metodologia que se adequa a nossa questão, o estágio e a formação docente, é trazer a discussão as diversas abordagens sobre a sala de aula e o fazer pedagógico. Assim, optamos pela pesquisa bibliográfica, mesmo sabendo que partimos de um relato de experiência, para fundamentarmos nosso objetivo a cerca daquilo que fomos considerando necessário para a reflexão pautada.

Creemos que para fazer um relato de experiência, é preciso estar atento as observações dos sujeitos e do local, para que assim, possamos interagir e entender melhor aquilo que nos propomos. Dessa forma, a observação, ganha logicidade quando

Valendo-se dos sentidos, recebe e interpreta as informações do mundo exterior. Olha para o céu e vê formarem-se nuvens cinzentas. Percebe que vai chover e procura abrigo. A observação constitui, sem dúvida, importante fonte de conhecimento. (GIL, 2008, p.20)

É preciso entender que todo relato de experiência tem como pontapé inicial a observação uma vez que possibilita ao pesquisado um contato maior com o objeto de pesquisa, tendo em vista que ela é um importante fonte de conhecimento, como bem assinala o autor.

A materialização desse relato, dar-se a partir do relatório de estágio, o que é o nosso caso. Nele observa-se os passos percorridos e os objetivos alcançados. Sendo assim:

O Relatório, além de se referir a um projeto ou a um período em particular, visa pura e simplesmente historiar seu desenvolvimento, muito mais no sentido de apresentar os caminhos percorridos, de descrever as atividades realizadas e de apreciar os resultados — parciais ou finais — obtidos. Obviamente deve sintetizar suas conclusões e os resultados até então conseguidos, sem, no entanto, a necessidade de conter análises e reflexões mais desenvolvidas (SEVERINO, 2000, p. 174)

Sendo assim, que tenhamos condições de teoricamente explicar o que é e como se dá o estágio curricular, cremos na importância do relato de experiência, uma vez que este endossa ainda mais a nossa prática e ao mesmo tempo sinaliza as impressões captadas a partir da riqueza do processo formativo como um todo.

Resultados e Discussão

Está envolvido com o processo de formação e aos poucos perceber que o mesmo tende a somar com nossos sonhos, nos faz crer que estamos no caminho certo e que seguir em frente é preciso. Assim, fomos no nosso dia a dia aprendendo sobre a sala de aula, o fazer pedagógico e a dinâmica do estar envolvido com a sala de aula e o processo educativo.

Algumas questões nos chamaram a atenção nesse processo como: a atenção das professora no que se refere ao acompanhamento dos alunos, a presença diária da gestora, resolvendo conflitos e gerenciando todas as questões, a educação com afeto, em que o carinho o zelo e a aproximação do professor junto ao aluno, torna a aprendizagem um processo mais humano e amoroso.

Sobre o espaço, as observações acerca das dependências da escola, destaca-se que esta possui acessibilidade para os alunos portadores de deficiência, tendo amplo espaço, o que facilita a acomodação daqueles que fazem parte do corpo discente e docente. Sobre a infraestrutura, mesmo sendo uma escola localizada na periferia da cidade, ele tem toda uma estrutura como: sala de biblioteca, com cantinho de leitura, pátio que favorece a prática de esportes e educação física, salas de aula amplas, tudo isso favorecendo o trabalho da professora e auxiliando no processo cognitivo do aluno.

Santos (2006) tem uma reflexão sobre o espaço bastante pertinente, a qual afirma que,

Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, à qual o espaço assegura a continuidade. (...) E o espaço que redefine os objetos técnicos, apesar de suas vocações originais, ao incluí-los num conjunto coerente onde a contiguidade obriga a agir em conjunto e solidariamente. (SANTOS, 2006, p.24)

O espaço visto como objetos organizados, congregam os sujeitos, os torna parte do contexto e os caracteriza como tais. cremos que a escola exerce esse papel, uma vez que aqueles que nela transitam, se sentem coparticipes. Assim, o que seria da escola, da sala de aula, se não fossem os alunos e os professores? Até os objetos, quadro, giz, lápis, caderno e outros elementos, tudo congregam no mesmo espaço um único propósito, o processo ensino aprendizagem. E juntos, configuram a escola como tal.

Não dá para esquecer outros elementos e sujeitos que compõem o espaço escolar a exemplo, os professores e funcionário, a equipe pedagógica e os espaços disponíveis. Tudo isto contribui para que o cotidiano a sala de aula seja singular e ímpar. Sob essa questão

Zaccur (2003), refletindo sobre o cotidiano escolar, afirma que:

Nada mais cotidiano do que assumir a vida a cada dia com maior ou menor fadiga, com maior ou menor desejo. E, assumindo a vida, nada mais cotidiano do que habitar o mundo memória, espaço em que nos reconhecemos no já-registrado, mas que se abre ao que nos acontece e surpreende, e nos afeta de diferentes modos, e nos faz capturar, no voo de um instante, algo que contém a marca de um momento único: uma fala densa, um gesto forte, uma cena marcante, um encontro, uma ruptura. (ZACCUR, 2003, p.179)

Ou seja, mais que um simples contato, é no cotidiano que de fato aprendemos as cores que pintam, os traços que enfeitam as paredes, os sons que ecoam pelos corredores da escola, as vozes que ressoam nos rincões e nos faz entender que aquele é um espaço de aprendizagem. Dar-se conta disso, é perceber o quanto essa etapa é significativa e importante para a formação do professor.

Dessa forma, tais observações sobre o contexto, nos permitiram adentrar ao universo escolar, como observador e agente, uma vez que está na escola e sentir sua dinâmica, atentando para a forma com as professoras trabalham o individual e o coletivo, percebendo todo o processo ensino-aprendizagem desenvolvido e os resultados alcançados. Sentir tudo isso, é ter a certeza que estamos trilhando o caminho certo.

Focos da observação

Na universidade a partir das disciplinas cursadas, aprendemos teorias, aprofundamos estudos, debatemos conceitos, refletimos ideias. Porém, quando adentramos à sala de aula, temos de adequar o conhecimento teórico a experiência do cotidiano. Eis o desafio, significar para nós e para o outro aquilo que acreditamos e defendemos. Aprendemos ainda, que a alfabetização deve ser entendida como processo ou apropriação do sistema de escrita, alfabética e ortográfica (SOARES, 2017), mas se atentarmos para o que é desenvolvido na sala de aula, percebemos o quanto a professora se desdobra para fazer desse processo algo além de ato mecânico, mas de sentidos para quem aprende e para quem é ensinado.

Sendo assim, mais que um simples olhar passivo as práticas do professor, a cada encontro fomos nos embriagando por um saber que ganha sentido na escrita da sílaba, no entendimento da palavra, na correlação com o saber. Mais que um mero e simples rabisco ou traço, ali estar presente o esforço da professora, sua paciência e disciplina em fazer com que seu trabalho ganhe sentido e forma a partir das conquistas de seu aluno.

Mesmo tendo em mente o papel da escola hoje em dia e seu significado para aqueles que a buscam, a

escola como espaço de conhecimento, local onde se prepara para o futuro, espaço no qual os valores são pautados a partir do companheirismo, da ajuda mútua, da busca pelo conhecimento e da troca de saberes, e sabemos que na maioria das vezes, ela está a serviço do estado e do sistema, seguindo aquilo que é pautado e pensado a partir do mercado e do capitalismo, que preza o individualismo, a competitividade e o isolamento entre os sujeitos. Se não atentarmos a essas questões, nos tornaremos meros reprodutores, mesmo que inconscientemente, daquilo que somos contra.

Assim,

A escola portanto, é um local onde se ministra o saber e a educação a uma população de crianças, de jovens ou adultos. A escola é também chamada de estabelecimento onde se ensinam as ciências, as artes, as técnicas, os conhecimentos ou alguma profissão. (MENEGOLLA, 1992, p. 14)

Sabemos dos desafios enfrentados pelos professores, e daqueles que de perto presenciamos, a exemplo, questões como falta de atenção, indisciplina, falta de limites por parte dos pais, além de famílias ausentes e que a partir de sua ausência, pensam que é dever da escola a educação familiar. Mesmo assim, a forma como as professoras conduzem as atividades propostas, faz com que os alunos se sintam além responsáveis, disciplinados e capazes. Nesse caso, os saberes adquiridos pelos alunos, congregam não só a mecânica de um processo, a exemplo, a escrita. Mas outros saberes, como a dança, a música, a pintura e outros, que despertam habilidade e auxiliam diretamente no processo cognitivo como um todo.

A dinâmica da escola, desde a chegada dos alunos, à saída dos mesmos é intensa e viva. Uma vez que cada criança traz do convívio de casa experiências ímpares, as quais somadas as da escola se ampliam e se multiplicam. Todo esse processo de formação tende a nos orientar e direcionar nossa prática, para no amanhã termos em prática e atuarmos de forma mais profícua junto a nossos alunos na sala de aula.

Impressões gerais

Assegurar que após o estágio o aluno está preparado para as adversidades e o ritmo da sala de aula, é um pouco ousado, uma vez que o aluno a cada dia tem comportamentos distintos, o que o torna singular e único. Para tanto, destacamos alguns pontos que achamos pertinentes quanto a esse processo, os quais atribuímos como pontos importantes e menos importantes.

Ao atribuímos tais valores, não queremos com isso afirmar que essa ou aquela questão deveria deixar de existir, pelo contrário,

enquanto processo formativo, precisamos passar por tais experiências, e por ser um processo dinâmico sabemos de sua importância, porém, a burocracia o torna mecânico e se não tomarmos cuidado, nos prenderemos ao técnico e esquecemos o prático.

Assim temos:

<i>Pontos importantes</i>	<i>Pontos menos importantes</i>
<i>O envolvimento dos professores e da gestão escolar</i>	<i>O relatório descritivo das atividades- o colocar no papel algo dinâmico e rico para o papel formativo.</i>
<i>O compromisso da escola quanto o acompanhamento do aluno-estagiário</i>	<i>O tempo no ambiente de estágio não propicia um maior envolvimento e contato com a turma</i>
<i>A acolhida e receptividade para com os alunos estagiários</i>	
<i>A liberdade do estagiário em poder adentrar nos espaços da escola</i>	
<i>O respeito ao processo formativo do estagiário</i>	
<i>As explicações e orientações a cada encontro no ambiente de estágio</i>	
<i>A confiança quanto a presença do estagiário na sala de aula</i>	

Tabela n°1: Impressões gerais do estágio no Ensino Fundamental I 2018.1

É preciso dar-se conta que o estágio no ensino Fundamental se consolida como uma rica oportunidade de aprimoramento entre teoria e prática, das vivências teóricas que a academia nos proporciona, a partir das leituras, debates e reflexões, à dinâmica do cotidiano da sala de aula, bem como um olhar mais direcionado para os alunos. Ou seja, é no estágio que podemos nos observar a luz daquilo que estudamos e aprendemos, ao mesmo tempo que vamos nos questionando até que ponto algo se aplica ou não naquela realidade.

Sobre essa questão, as palavras de Bianchi, Alvarenga e Bianchi (2005) refletindo sobre o estágio, sintetizam bem o papel desse processo para a formação do futuro professor. Assim, estes afirmam que,

O estágio supervisionado é uma atividade em que o aluno revela sua criatividade, independência e caráter, proporcionando-lhe oportunidade para perceber se a escolha da profissão para a qual se destina corresponde a sua verdadeira aptidão (...) ele é durante os estudos, a disciplina que conduz a descoberta de meios importantes para a ser executado em qualquer profissão. Quem pratica com fidelidade e presteza passa a projetar e vivenciar experiências novas, que, bem planejadas e seguras, terão como consequência para o estagiário um desempenho satisfatório na instituição que escolher o estágio é uma atividade temporária, um período de prática, exigido para o exercício de uma profissão e, no caso das licenciaturas, para educação do magistério. (p.01)

Como processo vivido e experienciado fora do ambiente acadêmico, é a partir do estágio que a oportunidade do encontro entre os dons e a profissão se coadunam e ganham sentido, como bem assinala o autor. Assim, nossa presença na escola é mais que uma simples coadjuvante, passamos a ser atores, principalmente quando compartilhamos ideias, aplicamos teorias, experiências, práticas inovadoras e etc. Ou seja, este é uma atividade teórico-prática, alicerçada pela fundamentação, experiências diárias, pelo diálogo e pela intervenção didática na realidade educacional.

O estágio nos permite estabelecer diversos diálogos, e nas palavras de Pimenta e Lima (2005/2006), percebemos que:

A complexidade da educação como prática social não permite tratá-la como fenômeno universal e abstrato, mas sim imerso num sistema educacional, em uma dada sociedade e em um tempo histórico determinado (...) Os lugares da prática educativa, as escolas e outras instancias existentes num tempo e num espaço, são o campo de atuação do professor (os já formados e os em formação) (...) Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve também experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola. Por isso, é importante desenvolver nos alunos, futuros professores, habilidades para o conhecimento e a análise das escolas, espaço institucional onde ocorre o ensino e a aprendizagem, bem como das comunidades onde se insere. Envolve, também, o conhecimento, a utilização e a avaliação de técnicas, métodos e estratégias de ensinar em situações diversas. Envolve a habilidade de leitura e reconhecimento das teorias presentes nas práticas pedagógicas das instituições escolares. (PIMENTA E LIMA, 2005/2006, p.20)

Dessa forma, o estágio curricular enquanto processo formativo oportunizou-nos momentos ímpares de relacionar teoria e prática, revelando-nos que as mesmas são dissociadas, principalmente no que tange ao processo de mediação do conhecimento junto ao trabalho pedagógico no ensino infantil.

Considerações finais

As observações aqui assinaladas, reflexo de toda uma vivência que adquirimos a partir de nossas impressões acerca da sala de aula, dos alunos e da dinâmica da escola, nos motivam cada vez mais a seguirmos em frente, e nos certificam que fizemos a escolha certa. Olhar para o trabalho da professora, os temas, os assuntos propostos para a aula, a sequência didática e sua metodologia, nos inspiram ainda mais fazermos igual e copiarmos determinados modelos em nossas práticas.

Crescemos com coisas simples, quer seja uma contação de história, ou um ditado com palavras trissílabos, com um simples silêncio de um

aluno, ou uma partilha do lanche no momento do intervalo. Tudo isso significam e caracterizam o fazer diário de uma vivência intensa. Já não somos mais os meros estagiários, mas sim sonhadores. Temos a certeza que nosso futuro começa agora, com a educação que damos a nossas crianças.

Assim, como processo formativo, o estágio supervisionado não pode ser deixado de lado ou tido pelo aluno como algo menos significativo em relação ao que se estuda e vivencia academicamente. Cremos que quando este é levado a sério pelo aluno, refletirá no profissional que o mesmo tende a ser num futuro próximo. Sendo assim, ressaltamos a importância do estágio curricular como mediação entre teoria e prática, bem como na formação do professor como um todo.

Referências bibliográficas

BIANCHI, A.C.M; ALVARENGA, M; BIANCHI, R. **Orientação para estágio em licenciatura**. – São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

CUNHA, M.I. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

MENEGOLLA, M. **E agora, escola?** 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. *Revista Poiesis*, [s. n.], v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005/2006.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. 2. reimp.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7ª ed.- São Paulo: Contexto, 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. — 21. ed. rev. e ampl. — São Paulo: Cortez, 2000.

ZACCUR, E. Metodologia abertas e interências, interação e errâncias cotidianas. In: Garcia, R.L (Org) **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.